

Há seis anos acompanho a pintura de Ione Saldanha. Conheço sua produção anterior de vária data, nos exemplos que a artista reteve, desde o primeiro, que considero em grau de suficiência, até quase a totalidade da obra que desenvolveu após 1962.

Não há, neste escrito, interesse de elogio em torno de uma pintora que tem merecido bastante apoio crítico, diante da seriedade de seu trabalho. Nas diversas fases que percorreu, não se verifica o comprometimento da facilitação, da gratuidade.

Pintura-pesquisa é a locução ajustada às suas experiências e propostas. Pintura, simplesmente pintura, sem sair do exercício de composição. É pesquisa, sobretudo pesquisa, por fazê-la sob indagação constante, conduzindo considerável soma de experiências ao termo de uma síntese.

A revisão da obra de Ione Saldanha permitirá, tanto ao crítico como ao iniciante, compreender com justeza o processo de catarse, na criação estética.

Desde o ponto de partida, que era uma composição de interior já simplificado, até a elaboração mais recente, de pintura sobre ripas e bambus, verifica-se uma decisão de despojamento, de insistente depuração, sem perder entretanto aqueles elementos dominantes, estruturais, que já estavam insinuados no primeiro pretexto.

No seu mais remoto trabalho, um simples quadro de estudo de interior, já denotava ordenação geométrica e interação de planos que continuam regendo a composição recentíssima de pintura em superfície alongada (ripas) e em superfície cilíndrica (bambus). Juntando esses últimos elementos, foi inevitável transformar toda a exposição de múltiplos trabalhos, em um único objeto, plásticamente indivisível, desde que o espaço interior, a luz e a sombra entraram e se integram numa proposição.

Ione Saldanha assumiu, por conseguinte, a problemática da integração da pintura ao espaço arquitetural pleno e, para tal experiência, nenhum ambiente poderia ser melhor que o da Galeria Bonino do Rio de Janeiro.

Todos se recordam que a citada galeria, como produto de arquitetura, resultou de um notável estudo de Sérgio Bernardes, tomando o quadrado como módulo para a ordenação virtual de cubos interligados.

Poucos notam, entretanto, que aquele ambiente, relevante por sua grandeza de simplificação, de essencialidade geométrica, nada mais é do que uma das derradeiras casas térreas dentro do maciço de arranha-céus indistintos de Copacabana e, apesar disso, uma das boas casualidades arquiteturais desta época, em nosso meio.

Vista deste ângulo a Bonino é um exágono, numa cidade e numa área em que o sagrado é a especulação do lote. Mas, vale a casualidade, e o Rio de Janeiro bem merecia uma exceção capaz de abrigar e de relevar, episódicamente, obras de arte que são motivadas e propostas para uma ambiência lógica à natureza estética do objeto-hóspede.

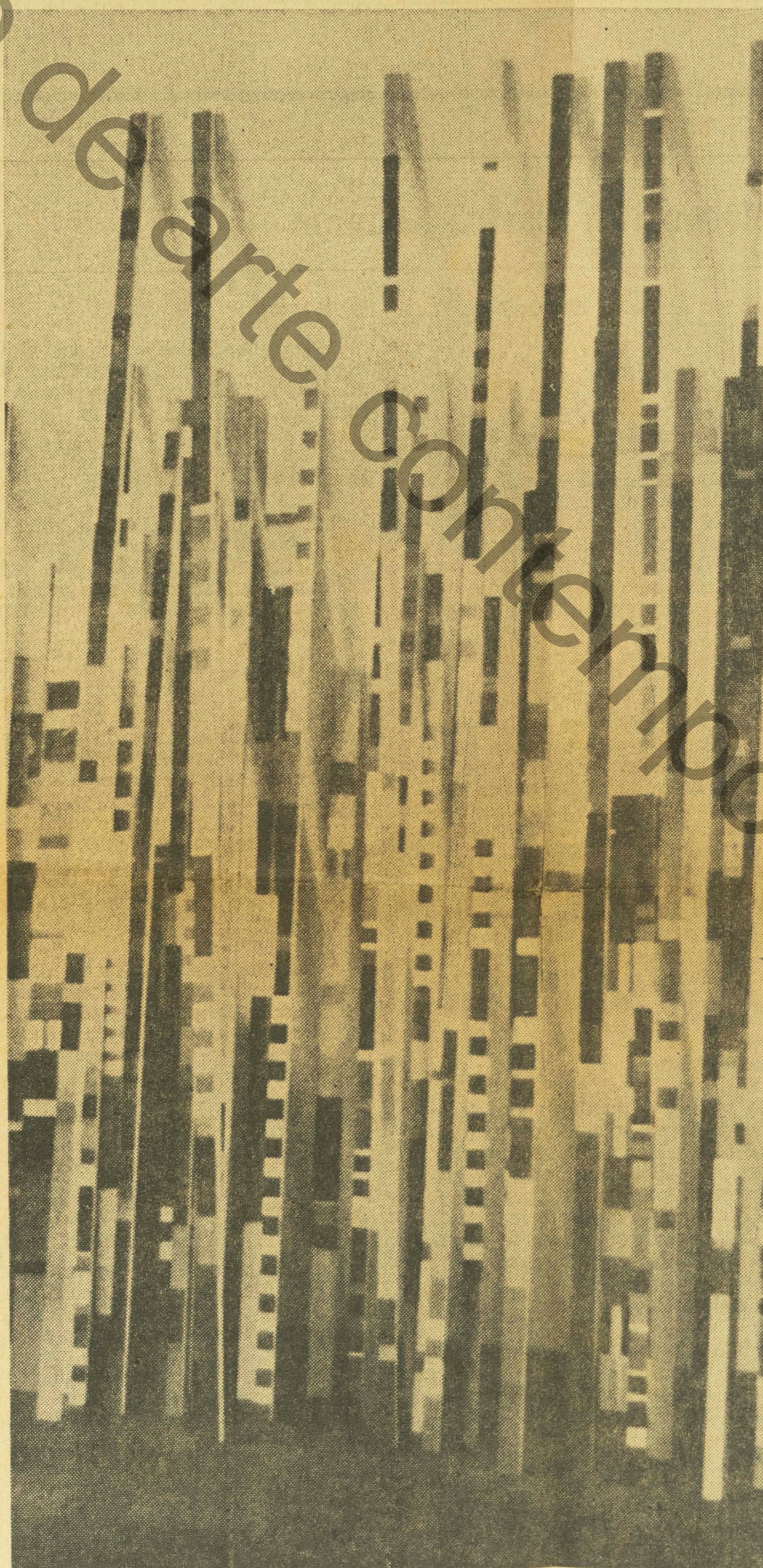
Compreende-se, sob o mesmo critério, que nem todas as exposições se entendem bem naquele ambiente. Toda vez que se expõe pintura privatista, isto é, aquela que se limita ao interesse menor da inteligência, o ambiente se exclui em relação ao seu significado plástico. Neutraliza-se, com dignidade, sem perturbar o hóspede. Mas, cada vez que abriga obra de arte compatível ao caráter da essencialidade espacial, é nítida a boa sorte do acontecimento, a identidade entre objeto e espaço.

Esta eventualidade estava prevista para a exposição de Ione Saldanha, em maio de 1968.

Previsível e desfavorável, pois implicaria na evidência do compro-

A INTELIGÊNCIA NEOLÍTICA NA PINTURA DE IONE SALDANHA

CLARIVAL DO PRADO VALLADARES



A integração da pintura ao espaço arquitetural

misso entre a natureza do objeto, e a do ambiente, impedindo admitir-se a divisão do todo, a perda da unidade, a fragmentação da experiência.

Não entenderia, doutro modo, o acontecimento deste objeto-exposição, senão como um todo, solidamente unido por uma temática, uma construção e a inerência ética da pesquisa.

Ione Saldanha destaca-se agora na pintura hodierna brasileira por uma posição clara neste território polêmico. Para os que desconhecem e negam *pesquisa* em nossa produção plástica atual, sob a responsabilidade oficial da negativa, esta pintora é uma provocação.

A menos que *pesquisa* seja restrita ao motorzinho escondido mexendo partes aparentes, a pintura de Ione Saldanha, na compreensão do processo, também o é em sentido mais válido.

Mais válido e mais difícil, por situar-se nas limitações da composição pictórica sem comprometimento cinético.

Pesquisa, por conseguinte, proposta como percepções visuais de espaços e planos estáveis, na oferta imediata, entretanto dinamizados quando participantes da apreensão intelectual.

E, no íntimo da experiência, alça-se o paradoxo de, sendo a depuração de uma considerável trajetória, ao mesmo tempo aproximase da forma mais primária da pintura.

É óbvio que estamos empregando o termo *pintura primária* a fim de identificá-lo como expressão primeira, ato mais puro e lídimo da ação estética como ocorre na vivência do primitivo.

O sentido paradoxal do acontecimento é exatamente este de ligar o resultado de uma depuração, com o de uma ação primeira da natureza estética.

Não seria artifício indicar, nesta atual pintura de Ione Saldanha, o universo da *inteligência neolítica*, certamente excluído da linguagem simbolística, consciente e comunitária, e recolocado em plano de franca especulação de valores abstratos e de elementos compositivos, sem outro compromisso que o do jogo de encantamento.

Superfícies policrômicas regulares, compostas sob ordenação rítmica, e sob propósito de harmonia, são, por exemplo, as dos tecidos de teares nigerianos, tradicionais, os *panos da Costa* numa linguagem mais brasileira, as colchas de retalhos do sertão nordestino e da pintura corpórea (incluindo máscaras e adereços) de rituais tribais, remanescentes em várias regiões do mundo.

A pintura sobre superfície cilíndrica é do formulário neolítico e arcaico, com uma remanescência nacional garantida no *pau de berimbau*, hoje produzido e consumido como *souvenir* turístico. Nenhum desses exemplos decresce o interesse pela mostra erudita de Ione Saldanha, assumida numa seqüência de motivos e fins totalmente diversos daquela outra esfera coincidente.

A obra erudita quando depurada, quando prolongadamente catártica, adquire semelhança com a obra primitiva.

Ambas respondem por uma mesma identidade, não importando serem tão diversos os processos e os caminhos.

É quase impossível ao que se depura, em busca de uma síntese, não assemelhar-se ao que se gera na naturalidade.

E é este o nível atingido pela pintura de Ione Saldanha: coincidir, sem estar derivado, sem traduzir gratuitamente, implicações culturais que lhe seriam estranhas.

Nem se aconselha que se estime uma coisa, por lembrar a outra.

São situações opostas, dois pólos, dois hemisférios, ligados e ajustados para a formação de um universo comum.